

BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM DIÁLOGO COM NARRATIVAS ORAIS DE MARISQUEIRAS DA ILHA DE MARÉ, SALVADOR (BA)

Paula Torres Fernandes¹

Karina de Jesus Araújo²

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida³

Resumo: O presente artigo apresenta uma análise dos relatos de faveladas em “Becos da memória”, de Conceição Evaristo (2013), bem como as narrativas orais das marisqueiras da Ilha de Maré, em Salvador, Bahia. Tem por objetivo estabelecer um diálogo entre essas narrativas, baseia-se teoricamente na Literatura Comparada. Como Metodologia, usou-se a pesquisa bibliográfica com o enfoque na Sociolinguística, como, também, a pesquisa de campo por meio de entrevista. Os estudos de Passerini (2006), Carvalhal e Coutinho (1994), Alkmim (2001), Labov (1972), Bortolozzo e Karim (2019), Rodrigues (2012), Rêgo (2018), entre outros alicerçam este diálogo. Os personagens de Evaristo são favelados, crianças de rua, mendigos, desempregados, bebedores, prostitutas e vagabundos. Devido à modernização e aos impactos ambientais, as narrativas das marisqueiras defendem suas tradições culturais para assegurar um futuro próspero, e sem desenraizar vidas plantadas naquela secular atividade. O relato das faveladas advoga a manutenção de seus lares na Pindura Saia e o impedimento da dolorosa diáspora interna.

Palavras-chave: Literatura comparada; Sociolinguística; Impactos ambientais; Diáspora interna.

Introdução

Este artigo se debruça sobre algumas similitudes entre as narrativas subjacentes aos relatos dos favelados na coletânea da obra de Conceição Evaristo *Becos da memória* e das falas de marisqueiras da Ilha de Maré, Salvador, Bahia.

As narrativas em ambos os relatos trazem à baila questões sociais, como as desigualdades sociorraciais que esculpem, na favela, as vidas de afro-brasileiras, e, tanto na favela quanto na Ilha de Maré, categorias como embates pela sobrevivência

1 Mestranda em Letras: Estudos Linguísticos na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus Sinop/MT*. Professora da Educação Básica. E-mail: paula.fernandes@unemat.br

2 Mestranda em Letras: Estudos Linguísticos na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus Sinop/MT*. Professora da Educação Básica pela SEDUC-MT. E-mail: karina.araujo@unemat.br

3 Doutor em Letras: Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular da USP. E-mail: msantiago@usp.br

no dia a dia, relação de pertença, sentimento de perda, dor, angústia, temor pelo desconhecido e por uma vida predestinada ao fracasso e a incerteza quanto ao futuro, dentre outras, se cruzam.

Assim, emergem dos meandros das narrativas dos dois agrupamentos de mulheres os processos sociais da luta cotidiana pela sobrevivência e seu *modus vivendi*. No que tange às faveladas do Pindura Saia de Evaristo, elas estão sempre às voltas com as injustiças de gênero, raça e preconceito, categorias que suscitam reflexões sobre as trajetórias de sofrimento, sempre permeadas por ideais de liberdade de ir, vir e, principalmente, de permanecer, de pertença. Já as marisqueiras, mulheres que trabalham nos manguezais e lagoas, autônoma e continuamente coletando mariscos, a batalha é pelo trabalho artesanal, cuja produção, geralmente, se destina ao sustento da família, mas, por vezes, parte é comercializada⁴.

Nessa perspectiva, a Literatura Comparada respalda este estudo em detrimento dos aspectos analíticos e comparativos da obra de Evaristo (2013), com as narrativas das marisqueiras de Maré. Enquanto isso, a Sociolinguística se debruça no estudo da língua falada pela comunidade marisqueira e identificada durante a pesquisa de campo. Assim, por meio da análise das narrativas das marisqueiras, foi possível entender algumas questões, como o desejo pela manutenção das artes tradicionais da pesca, a organização da comunidade em associações, e como as marisqueiras discutem sobre os impactos ambientais decorrentes da poluição da água do mar, das lagoas e dos mangues na Ilha.

Discorreu-se sobre o lugar das marisqueiras nos novos processos da pesca em Ilha de Maré, nas lutas do presente e quais são os seus sonhos e desejos para o futuro.

Para isso, foi preciso percorrer o processo histórico para chegar ao presente e entender as mudanças que pressionam os modos de viver e trabalhar das marisqueiras, e estabelecer relações com os discursos das mulheres na obra de Conceição Evaristo *Becos da memória*, e dar visibilidade às histórias, relatos e memórias de grupos subalternos que assim se expressam: “Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro” (EVARISTO, 2013, p. 27), que evidenciam a invisibilidade.

Conforme Passerini (2006, p. 11), “há um interesse, entre os pesquisadores que lidam com a questão das memórias e da história oral, pelo estudo do problema do sujeito desde uma perspectiva histórica”. Nesse contexto, é importante caracterizar o trabalho das marisqueiras: é quase sempre realizado em duplas, no momento da cata do marisco nos mangues, e o “catado”, o preparo do marisco para a pré-venda, igualmente realizado em grupos, reúne quase sempre as mulheres que fazem a cata e outras vizinhas ou parentes. Certamente, uma boa prosa e a oralidade característica se fazem presentes nesse momento, em que assuntos

4 Política de apoio às mulheres marisqueiras (Sancionada política de apoio às mulheres marisqueiras. Agência Câmara de Notícias. *Câmara dos Deputados*, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/614513-sancionada-politica-de-apoio-as-mulheres-marisqueiras>. Acesso em: 12 nov. 2022).

como as profundas transformações ocasionadas pelo desemprego em massa, a devastação do ambiente marinho e o avanço turístico e industrial surgem como as principais dificuldades enfrentadas por essa classe.

O corpo textual do artigo dividiu-se em quatro partes. Inicialmente, por esta introdução, na sequência, apresentam-se o aporte teórico, a Literatura Comparada e os conceitos basilares da Sociolinguística. Em seguida, retratam-se os becos onde se escondem as memórias a partir das análises das narrativas encontradas, a realidade das marisqueiras da Ilha de Maré, na terceira parte, e, finalmente, *Os becos e a Ilha: espaços de lutas com as considerações finais* que concluem o presente estudo.

1 Fundamentação teórica

Para Cândido (2018), o estudo que relaciona os vários níveis de ligação entre literatura e sociedade impedem o ponto de vista mais comum, que se pode construir paralelamente, pois incide basicamente em despontar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, o seu episódio nas obras, sem chegar à noção de uma efetiva influência, e constatar como o fato social pode modificar uma estrutura literária, de forma a poder ser estudada em si mesma.

Nesse contexto, surge a Literatura Comparada, uma área da literatura que relaciona a obra de um escritor, com suas particularidades socioculturais, com a de outros escritores ou, ainda, de outras áreas do saber, como Filosofia, dentre outras. Assim, Carvalhal e Coutinho (1994) observam que, no estudo da Literatura Comparada, a imaginação antecede a experiência por meio de comparações.

Somado a isso, Borges-Teixeira (2018, p. 1) afirma que: “a principal premissa da Literatura Comparada, que há muito deixou de fazer análises simplesmente binárias entre as diferentes literaturas, mas iniciou uma saudável tradição de crítica na perspectiva de interligar a Literatura aos Estudos Culturais”. Além de ter como marco a noção de transversalidade, discute questões centrais e atuais acerca da identidade cultural de cânones literários, bem como busca dialogar de forma crítica e epistemológica com a literatura em diversas áreas do conhecimento humano.

Portanto, adentrar nesse campo é “colaborar para o entendimento do Outro”, pontua Carvalhal (1997, p. 8), bem como para a literatura. Assim, a Literatura Comparada é um meio, não um fim.

Alkmim (2001) apresenta que o estudo da Sociolinguística e as relações entre linguagem e sociedade formam-se a partir do contexto histórico e cultural ao longo do tempo. Nessa perspectiva, a Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada descrita, e analisada em seu contexto social. Tem como ponto de partida uma comunidade linguística específica, bem como sua norma a respeito de seu(s) falar(es).

A Sociolinguística tem como objetivo central o estudo amplo da relação entre língua e sociedade, precisando considerar que a sociedade está em constantes

mudanças. Para tanto, essas mudanças explicam que os modelos teórico-metodológicos deveriam também mudar (LABOV, 1972).

Para Bortolozzo e Karim (2019, p. 375), “A Sociolinguística, subárea da Linguística, despontou na década de 60 com a intenção de desenvolver uma nova concepção dos estudos linguísticos e tinha como pretensão investigar os aspectos socioculturais de fenômenos linguísticos” a partir das relações entre língua, comunidade e sociedade.

2 Os becos onde se escondem as memórias e a Ilha onde habitam os mariscos

Conceição Evaristo usa no título de sua coletânea o termo “becos”, vielas, lugar real e metafórico por onde transitam, se escondem e se esgueiram sub-repticiamente as pessoas e memórias, e essas a autora capta e desvela para registrar as injustiças sociais em um tom lírico e concomitantemente calamitoso. Além de espelhar o mundo dos excluídos e marginalizados, consegue exaltar a sensibilidade desses sujeitos evidenciada não só pelas marcas indeléveis da exclusão, mas, também, por anseios, aspirações e lembranças. Assim, a escritora mineira metaforicamente desconstrói vidas e aponta sua reconstrução.

Com uma linguagem clara, realista e própria dos afrodescendentes, ora violenta, ora carismática e intimista, a autora cativa seu leitor, ao revelar o ajuste, a adequação e a assimilação à intelectualidade, deixando à deriva os discursos políticos neoliberalistas.

Podem-se cogitar pistas de possíveis percursos e leituras de cunho biográfico, naturalmente por ter Evaristo nascido e sido criada na comunidade Pindura Saia. Sendo assim, magistralmente, o espaço utilizado estabelece o real e o ficcional, na medida em que a criação de personagens como Maria-Nova, por exemplo, remete à imagem (do latim, *imago*, significando a representação visual), à réplica, à efígie mesma de outras Conceições Evaristo. Por isso, percebe-se, com certa facilidade, na prosa de Evaristo, traços de romance e da escrita de si.

A autora aborda os personagens analisando, ao mesmo tempo, o individual e o coletivo, assim tratando, eficientemente, de ambos o sujeito e o agrupamento social. Dessa maneira, as várias e breves histórias se entrelaçam relatando o dia a dia da Pindura Saia, cujo destino era a demolição iminente.

A oitiva dos relatos das memórias é feita pela protagonista, Maria-Nova, moçinha de 13 anos, porta-voz das vozes sofridas, mas também alegres, dos demais personagens que relatam suas histórias com tristeza pelo processo de extermínio de sua morada, a favela.

Veza por outra, porquanto narra a vida de outras mulheres-personagens, a narrativa se faz na terceira pessoa. Desloca, então, Evaristo, os sujeitos dos relatos, construindo uma subjetividade e interdiscursividade plurais e multifacetadas de

uma afro-brasileira angustiada diante da iminente diáspora interna, por causa do desfavelamento.

O texto de Conceição induz ao questionamento sobre um modo particular de se construir a memória das mulheres negras do Brasil, e bastante distinto daqueles propalados em obras brasileiras que eufemizavam, idealizavam e escamoteavam a pobreza, a discriminação e a marginalização que sempre imperaram nas vidas das afro-brasileiras, além de elas nunca serem porta-vozes, ou donas, de seus destinos.

Em *Becos*, às mulheres são conferidas vozes com as quais elas expõem suas verdades, felicidade e infortúnios. Nos becos da favela, palavra também metáfora da memória de estoque do cérebro, os relatos na memória de Maria-Nova descrevem as vivências e sofrências dos favelados miseráveis e excluídos (ARAÚJO, 2019).

Evaristo coloca os sentimentos do favelado em destaque, por ele estar por perder seu lar, seu lugar de pertença, e, assim, sua narrativa acaba se projetando aos dias de hoje. Nessa seara, os *Becos* e a “Ilha” se entrecruzam, porque os relatos das marisqueiras e faveladas desembocam na mesma questão. Nesse sentido, a fala de um dos favelados no texto de Evaristo (2013, p. 163) revela: “dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez”. Esses enunciados comprovam que a favela seria demolida, e por razões que as autoridades (eles) conheciam, mas fingiam não saber.

É o que também emerge da narrativa de uma das moradoras da Ilha de Maré, quando afirma: “é a pesca que paga meu salário. Ela é meu patrão. Estamos sofrendo com esse modelo de desenvolvimento [...] essa poluição está tornando nossa pesca escassa. O medo é termos que migrar pra cidade, provavelmente periferia” (M. C. L., 2021).

Coadunam-se, pois, as histórias de negras, discriminadas, com ancestrais escravizados, de luta pela vida, pela sobrevivência, pelo pertencimento a algum lugar, ou seja, a favela e o mangue, as lagoas e o mar nos discursos nas falas das faveladas e das marisqueiras, no que se refere às suas perdas. Originada por razões aparentemente diferentes, a construção de algo e o modelo de desenvolvimento, mas igualmente inexplicáveis para esses sujeitos subalternos, as decisões tomadas por “eles” sub-repticiamente mencionados, apontam para o progresso desmedido e, por vezes irresponsável, que levam os dois agrupamentos à forçada diáspora interna. Isso porque, demolida a favela, seus moradores passariam por uma diáspora interna. Extinta a atividade marisqueira, os sujeitos passariam por uma perda do trabalho para sobreviver e teriam de se mudar a outro local ou encontrar outro tipo de atividade. Diáspora interna e laboral.

Do ponto de vista do formato, o texto da coletânea é diferente, porquanto não se utilizam, no romance, os tradicionais capítulos, mas fragmentos de relatos sucintos, e seu cunho é biográfico e memorialístico. No que concerne à escrita, Conceição Evaristo a define com um termo, “escrivência”, que ela mesma cunhou, ou seja, uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de

vida da própria autora e do seu povo, a composição de uma (des)estruturação afro-brasileira. Tanto na vida da autora quanto em *Becos da memória*, a dinâmica se antepõe às escritas de Evaristo e da personagem Maria-Nova:

Poder vasculhar com os olhos a sua imagem, mas ela percebia e fugia sempre. Será que ela algum dia conseguiu ver o mundo circundante, ali bem escondidinha por trás do portão? Talvez. Em um sábado ou domingo em que a torneira estivesse mais vazia de lavadeiras. Hoje, as recordações daquele mundo me trazem lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! (EVARISTO, 2013, p. 29).

Em suma, por meio dos códigos aflorando das palavras, a autora esboça um sentimento de fuga, ao mesmo tempo em que anseia por mudanças, o desejo de evadir para sonhar e se inserir para modificar.

O lugar narrado manifesta solidariedade aos menos favorecidos, vale dizer, especialmente, com a natureza das mulheres negras:

Escrevo como uma homenagem póstuma a Vó Rita, que dormia emboada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira de campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tio Puxa-Faca, à velha Isolina, à Dona Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à Dona Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (EVARISTO, 2013, p. 30).

A obra deixa clara a textualização de Maria-Nova, aos olhos dos leitores, concretiza-se, mais do que todas as personagens características de Evaristo: menina, negra, moradora de uma favela durante a infância e que vê na escrita uma forma de expressão e resistência à sorte de seu existir. Para Andreatti (2020, p. 2), “a memória torna-se fundamental para compreender o processo de criação do romance, uma vez que é por meio dela que os acontecimentos passados são recuperados e narrados pela voz de Maria-Nova”.

A narrativa de *Becos da memória*, conforme a própria autora admite, é uma mistura de memórias e narrativas inventadas por ela, no intuito de construir um relato que retratasse sua infância na favela. É nos espaços em branco deixados pelo esquecimento que a criação artística pode aflorar, afirma Evaristo (2018, p. 12), “E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia

ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova”.

Portanto, é uma tentativa de evitar o esquecimento, preservar as memórias. Assim, constata-se que o caráter ficcional que perpassa as narrativas memorialísticas permite a criação de fatos não vividos, mas que se adaptam às histórias de vida, preenchendo lacunas e dando à memória um invólucro mais harmonioso. É o que faz Conceição Evaristo, minuciosamente, através da voz de Maria-Nova, a menina personagem, ao recordar fatos vividos, as lembranças de sua infância na favela e as narrativas que ouvia quando criança.

Reminiscências como essas foram ouvidas nas falas de marisqueiras da Ilha de Maré, paragem onde moram os mariscos, em mangues, lagoas, na areia e incrustados em rochas e pedras. Vale conhecer um pouco dessa ínsula.

Onde moram os mariscos, Esses invertebrados marinhos habitam na Ilha de Maré, expressão na qual o termo “maré” se deve ao fenômeno oceânico periódico de alterações periódicas, descida e subida do nível das águas do mar motivadas pelos efeitos que as forças gravitacionais do Sol e da Lua exercem sobre o campo gravítico da Terra, concomitantemente ao movimento de rotação da Terra. Por isso, as embarcações têm de esperar o nível das águas subir ou baixar para chegarem ou saírem para viagens.

Lugar paradisíaco, a ínsula se localiza na Baía de Todos-os-Santos e pertence ao Município de Salvador, Bahia, Brasil, e, segundo Rodrigues (2012, p. 62):

Apesar de fazer parte do município de Salvador, é interessante reforçar que a Ilha de Maré está mais próxima e voltada ao Recôncavo. Localizada na região central da Baía de Todos os Santos, em frente ao Porto de Aratu, na foz do rio Cotegipe, a Ilha de Maré é uma extensão geográfica do subúrbio ferroviário de Salvador, com uma população em torno de 12 mil habitantes, majoritariamente pessoas de baixa renda, longe do desenvolvimento urbano. É a segunda maior ilha da baía, com cerca de 14 quilômetros quadrados de área. Sem estradas, nem automóveis, o transporte local mais comum é o cavalo, ou a pé, através das estreitas trilhas de barro, sem nenhum tipo de pavimentação, e também pela praia com a maré baixa.

O saneamento básico no local é precário, e o esgoto, a céu aberto, desemboca em córregos recortados pelas areias. Alguns trechos da ilha não possuem água encanada. O transporte na região é comumente feito em jegues e cavalos. Quanto à urbanização, ainda se encontra bastante ausente na região, mas já existem alguns vestígios de modernidade, como as velozes lanchas que por lá transitam, os celulares e a internet⁵.

5 BRITO, George. Encantos de Ilha de Maré superam deficiências locais. 2008. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/encantos-de-ilha-de-mare-superam-deficiencias-locais-272117>. Acesso em: 12 nov. 2022.

Algumas das precariedades retratadas anteriormente na Ilha, se forem similares às da favela Pindura Saia, não terão sido mera coincidência, mas espelho do que sempre ocorreu na vida dos afro-brasileiros.

Os habitantes da Ilha vivem da pesca e da pequena agricultura familiar. Porém, devido à proximidade da Ilha com a cidade de Salvador, muitos mareenses trabalham nos bairros dessa cidade, como Periperi, Paripe, Plataforma e Ribeira, e outros no Porto da capital⁶.

A população da Ilha da Maré possui três das quatro comunidades quilombolas de Salvador certificadas pela Fundação Cultural Palmares, sendo elas: Praia Grande; Bananeiras; Porto dos Cavalos/Martelo⁷. Isso significa que mais da metade do território da Ilha são comunidades quilombolas⁸, descendentes dos negros escravizados, uma semelhança com a comunidade da favela Pindura Saia.

A Ilha é formada pelas comunidades de Oratório, Botelho, Engenho de Maré, Nossa Senhora das Neves, Itamoabo, Santana, Praia Grande, Mata Atlântica, Martelo, Maracanã e Bananeiras e tornou-se oficialmente um bairro da cidade de Salvador em 2017, sendo a comunidade de Praia Grande uma das mais importantes da Ilha, que possui duas escolas municipais e uma sede da Sociedade dos Amigos de Praia Grande de Ilha de Maré e seu entorno, afirma Rodrigues (2012, p. 61).

Através da Lei nº 7.400⁹, em 2008, a Ilha de Maré passou a ser uma Área de Proteção Ambiental (APA), previsto no art. 217:

[...] é uma porção territorial em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (SALVADOR, BA, 2022)

Rodrigues (2012, p. 62), explica que, historicamente,

A ilha, que já foi um grande centro de abastecimento no período colonial, hoje parece ter parado no tempo com a falta de investimentos sociais. Ainda que classificada como uma Área de Proteção Ambiental (APA) pelo governo, a poluição e a degradação crescem diante da rica biodiversidade. A escassez dos serviços públicos essenciais demarca o quadro da exclusão social, cujas regras estabelecidas pela política econômica da globalização se encarregam de ampliar a falta de acesso a outros gêneros e bens, além de coibir lastros de cidadania.

6 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba#>. Acesso em: 18 set. 2021.

7 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. 2021. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=88&estado=BA#. Acesso em: 12 out. 2021.

8 Disponível em: http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/sites/default/files/copia_de_radis_129_23maio2013.pdf. Acesso em: 22 set. 2021.

9 INDICADORES. *SIM – Sistema de Informação Municipal de Salvador*, [2021]. Disponível em: <http://www.sim.salvador.ba.gov.br/indicadores/>. Acesso em: 18 out. 2021.

A descrição anterior da Ilha, no que tange à “escassez dos serviços públicos essenciais demarca o quadro da exclusão social, cujas regras estabelecidas pela política econômica da globalização se encarregam de ampliar a falta de acesso a outros gêneros e bens, além de coibir lastros de cidadania”, em nada se distanciam das condições sociais e físicas da favela Pindura Saia.

Dentre várias narrativas sobre a origem dos povoados da Ilha, sobressai a da fuga dos negros dos engenhos da parte continental. Conta a chefe das marisqueiras que:

[...] a Coroa Portuguesa, com o objetivo de povoar a região de Ilha de Maré, concedeu terras a donatários, com registros de documentos históricos a partir do século XVI, e está associado ao sistema de Capitânias Hereditárias. No processo, os Tupinambás que moravam na Ilha de Maré, foram exterminados pelos portugueses. A história do povoamento da Ilha de Maré pelas comunidades quilombolas é construída principalmente por narrativas orais. A origem da grande maioria dos atuais moradores da Ilha de Maré se refere, nessas histórias, à aspiração por liberdade: as fugas empreendidas a partir do Engenho Freguesia, atual Museu Wanderley Pinho, localizado no distrito de Caboto, em Candeias e de outros engenhos como Matoim e Jacarecanga também no município de Candeias. Nas histórias narradas por moradores de Bananeiras, escravos fugidos se instalaram no interior da Ilha de Maré, localização conhecida como Paciência, e encontraram índios. Com o tempo, essas pessoas se distribuíram para as áreas costeiras da Ilha, em roda de conversa (M.C.L., 2021).

A chegada dos quilombolas que residem hoje na Ilha tem duas origens motivadas, ou pela fuga dos negros escravos pertencentes aos engenhos da região ou por negros alforriados dos engenhos da própria Ilha, legados do abolicionismo. Sempre movidos à luta pela liberdade, a mais emocionante fuga foi a empreendida a partir dos engenhos do continente, e a segunda, consoante registros históricos, descreve a formação e o desenvolvimento dos mareenses.

As procedências às quais se refere o autor na citação anterior são categoricamente ajustadas e se complementam. Seguramente, está registrada na memória da comunidade, “a fuga dos homens a nado, vindos dos engenhos do continente, provavelmente o Freguesia” (extrato de roda de conversa, 2021). Conta-se que as fugas ocorriam à noite, quando os homens, ao chegarem à terra, exploravam o local, lá se instalavam e, posteriormente, buscavam suas mulheres, também fugidas, e essas se iniciavam no trabalho marisqueiro, trabalhando nas lagoas, manguezais e na areia, mulheres na água, para o sustento dos seus. É o que relata uma marisqueira:

Minha vó era africana (ama de leite) e chegou de jangada fugida com uma trouxa de roupa apenas Vó Clarice. [...] Só vieram os homens fugidos e eles roubavam as mulheres, que na época eram marisqueiras, para os brancos. [...] Naquele tempo, moravam no meio da Ilha [na Paciência] para ninguém ver de fora. Lá eles plantavam e também mariscavam (M. C. L., 2021).

A comunidade de Bananeiras é de origem quilombola, ficaram conhecidos historicamente no Brasil, por sua trajetória de lutas contra a escravidão com fugas e isolamento social em ambientes inóspitos. Conforme depoimento da moradora M. C. L. (2021), “na comunidade do Norte ainda existem ruínas de dois engenhos, um no Botelho e outro no Martelo, cujas ruínas ainda existem. O do Botelho pertenceu à família Lopes”.

Neste texto, destacamos, sobremaneira, as mulheres da favela e as da Ilha, estas, uma classe de trabalhadoras importantíssima no processo de formação e desenvolvimento da Ilha. Nessa direção, Rêgo (2018, p. 293) conta que:

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), produziu o vídeo-documentário “Mulheres das Águas”, sob a coordenação do pesquisador Carlos Minayo, com produção de campo sob a responsabilidade do pesquisador Paulo Pena. O vídeo deu destaque às marisqueiras de Ilha de Maré, dentre outras comunidades do Brasil ao retratar a vida e a luta das pescadoras nos manguezais do Nordeste.

Nesse documentário, dentre outros aspectos, é abordado o racismo ambiental¹⁰, ou seja, a discriminação racial das políticas ambientais, ao escolherem, constata-se, deliberadamente comunidades de negros, para se desfazerem de rejeitos tóxicos, lixos e instalarem indústrias poluidoras.

A denúncia social do racismo ambiental no documentário se assemelha, salvaguardadas as devidas proporções, às situações que as faveladas da Pindura Saia, na obra de Conceição Evaristo, enfrentam, por falta de opção de moradia, o que indicia a ausência, quiçá o descaso, do poder público.

Na linha de pensamento do racismo ambiental, acresça-se a implantação de indústrias no decorrer dos anos, como a do setor petroquímico e portuário, que provocam, em médio prazo, a poluição e contaminação ambiental na Ilha. “As mulheres das águas” passam a pisar espaços poluídos, contaminados ambientalmente, doenças anunciadas. Ademais, essas atividades industriais têm causado várias modificações no cenário daquelas áreas tradicionalmente utilizadas pela população da Ilha de Maré, provocando o surgimento de ilimitadas denúncias, nos últimos anos, pelos membros das comunidades da Ilha.

Um dossiê do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais da Bahia (MPB/BA), Colônia de Pescadores de z-4 de Ilha de Maré (2021, p. 6), ensina:

[...] registre-se que, desde a década de 1950, mais de 250 atividades industriais foram inseridas nas áreas abrangentes da Ilha de Maré fortalecidas pela política econômica e ambiental do Estado brasileiro, diante de incentivos fiscais e fragilidades legais, para o avanço de um dito cenário econômico, mas excludente quanto ao desenvolvimento humano das comunidades tradicionais da região.

10 FERNANDES, Fernanda. O que é racismo ambiental e por que falar sobre isso na escola. 2021. Disponível em: <http://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17388-o-que-%C3%A9-racismo-ambiental-e-por-que-falar-sobre-isso-na-escola>. Acesso em: 12 nov. 2022.

Essas ocorrências na Ilha de Maré são um exemplo sério e explícito de injustiça social, ambiental e cultural, uma vez que esse tipo de “desenvolvimento” não leva em conta nem a história da localidade, nem as necessidades da comunidade, no que concerne à autossustentabilidade. Além dos prejuízos ambientais plurais, os impactos são incontáveis, porque confrontam os aspectos tradicionais da pesca artesanal e também quilombola, o que desconstrói, além da estrutura do ambiente, traços sociais e culturais da comunidade.

Isso pode ser comprovado pelos vários estudos de impactos e riscos ambientais realizados nos espaços geográfico e hidrográfico que compõem a Ilha de Maré. Alguns fatores de maior relevância foram apontados pelo MPP/BA¹¹, Colônia de pescadores de z-4 de Ilha de Maré (2021), a saber:

Poluição e contaminação ambiental: química, emissões atmosféricas intensificadas que geram os odores em níveis asfixiantes para algumas moradoras; riscos e insegurança ambiental: despreparo diante da ocorrência de acidentes ambientais, como vazamentos e/ou derramamentos de óleo [...]; Danos à saúde: poluição do ar, terra e água, como consequência direta da exposição de produtos químicos e pela movimentação das operações dessas atividades denunciadas e a ingestão de pescados e mariscos potencialmente contaminados, gerando a bioacumulação de elementos químicos no organismo de alto teor cancerígeno; Danos ao Ecossistema Marinho: o despejo da água de lastro dos navios, comprometendo a biota marinha local, com risco de bioinvasão e alteração da diversidade marinha; o lançamento de efluentes submarinos de empresas classificadas com Potencial de Contaminação / Poluição e de Produtos Químicos; diminuição do território tradicional de pesca: proibição de acesso a determinadas áreas tradicionalmente utilizadas pela população e pontos de coletas por pescadoras(res) e marisqueiras da Ilha, reduzindo, com isso, os ambientes de pesca e destruição de pesqueiros; O crescimento do setor turístico e imobiliário atraídos pela dinâmica de inserção das indústrias e chegada de trabalhadores, gerando diversas alterações espaciais no território tradicional com a construção de hotéis, pousadas, restaurantes e afins.

Redução da renda econômica e insegurança alimentar: em virtude dos impactos ambientais e contaminação dos pontos de pesqueiros, do manguezal, dos corpos hídricos, e das coroas de mariscagem na Ilha de Maré, o que redundará na diminuição do estoque e da qualidade dos pescados e mariscos da região, maiores fontes de alimentação local e de renda da população; Racismo ambiental: considerado o bairro mais negro de Salvador (IBGE, 2010), onde grande parte da população se declara quilombolas, a Ilha de Maré é um território que vivencia nos conflitos socioambientais a expressão do racismo ambiental.

É de orgulho o sentimento de fazer parte dessa comunidade e carregar a tradição de marisqueira, na Ilha que ela chama de sua raiz, e é o que revela a narrativa

11 Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais.

dela, M. C. L. (2021), atual presidente da associação das marisqueiras da Ilha de Maré, em sua narrativa, a seguir.

Ilha de Maré é o lugar que eu tenho minhas referências. Conheci os meus bisavós, meus avós. Está aqui toda a minha família, toda a minha raiz. Ilha de Maré é o lugar onde eu conheço os bequinhos, as ruas, é o lugar onde eu tenho minha raiz. É o lugar onde os nossos mais velhos escolheu pra ficar e escolheu para que a gente continuasse e ficasse. Ilha de Maré é um lugar tão lindo e podia ser mais se não fosse tanta intervenção, né, de fora. Tem horas que fecho os olhos e fico pensando como seria lindo nosso rio se não tivesse o porto de Aratu, da Alquímica, Moinho Dias Branco, as empresas né, as refinarias, esses navios. Como seria lindo nossos rios. Tenho maior prazer, a única coisa que eu sei fazer, a minha profissão é mariscar, pescar. Faço isso com muito orgulho, com muito prazer. Minha família toda mesmo exercendo outra profissão, algumas de minhas irmãs. Mas a gente adora, sempre gostou de pescar. Eu não sei fazer nem as coisas mais simples como unha, cabelo, cortar cabelo né, arrumar tal. O que sei fazer mesmo é pescar, mariscar. A arte da pesca é para além da exploração. Entrar no mangue, mariscar, pegar os mariscos, né: sururu, ostra, lambreta, caranguejo, siri... é místico. É a gente entrar num lugar sagrado. A gente não entra, nem sai de qualquer jeito. Ir pro mar pescar é uma terapia também. A gente conversa com as pessoas. A gente fala de outras coisas que não é as preocupações do dia-a-dia que nos adoce. Ai da gente na pandemia se não morasse onde a gente mora, na ilha de Maré. Quantos de nossos companheiros e parentes que foram pra cidade e disse que está tão difícil viver com a pandemia por lá. E um dos meu maior orgulho em morar na Ilha de Maré é não ter pessoas que passe fome. Não tem ninguém aqui na comunidade que passe fome. O mangue e o mar nos ajuda a sobreviver, a viver bem.

Esse contundente relato, no qual a realidade são o orgulho e a felicidade por viver na Ilha, aponta a surpreendente verdade de M. C. L. (2021), quando revela que na Ilha não se passa fome, nem durante a pandemia, pois o local provê a alimentação. Portanto, deixar a Ilha seria a última opção. Não obstante, a diáspora ocorreu com muitas das marisqueiras, devido à implantação dos poluentes industriais que resultaram em más condições de pesca e mariscagem.

Entretanto, diferentemente das marisqueiras, em *Becos*, a escassez e o preconceito levaram a personagem Dora a fugir da sua condição de fome e miséria. Assim, Evaristo, usando a ficção lírica, relata a verdade sobre a vida chocante e triste na comunidade da favela, descrevendo cruamente dificuldades, sofrimentos e desigualdades. E ela fez isso por meio da memória oral, também elemento imprescindível das narrativas das marisqueiras da Ilha de Maré. Foi através da oralidade que se conheceram, em *becos* e nas falas das mareenses, as histórias entrelaçadas dos personagens.

À semelhança de Evaristo, que atualiza a diáspora interna negra, resgata sua história, antigas e novas questões, as narrativas orais das marisqueiras também permitem a mesma leitura do resgate desses problemas comuns aos negros e humildes.

Considerações finais: os *Becos* e a Ilha: espaços de lutas

Este artigo abordou sucintamente o período da colonização do Brasil em que se destaca uma herança lamentável, a escravidão, porque, dentre outros males, provocou diversas e dolorosas diásporas internas que, de certa forma, se perpetuaram na história do Brasil, como foram os casos da favela Pindura Saia e da Ilha de Maré.

Esses deslocamentos não eram apenas um processo migratório, mas uma corrente na tentativa de suprir necessidades incondicionais e de se livrar da opressão. Como consequência, alguns cidadãos lutam para que o meio ambiente e a sociedade sobrevivam, em meio à irresponsabilidade de muitos em nome de um progresso devastador. Nessa medida, *Becos* e a Ilha se encontram, dialogam, na luta contra o desfavelamento e a destruição da natureza, respectivamente.

Como se sabe, a colonização veio revestida de maus tratos, exploração de bens, da submissão de seus naturais, tendo como coadjuvantes a mão de obra, os operários, os escudos nas lutas contra os crimes doloridos e levados a cabo sem censura. É o explorado dando vida à cobiça dos exploradores, que, até hoje, é por demais desmedida.

A possibilidade de implantar o progresso em nome de um futuro qualquer, mediante a demolição de uma favela ou o desenraizamento de vidas plantadas a partir de uma tradição, da cultura de um povo que perdera sua dignidade juntamente com um passado sombrio construído a ferros, chicote e pelourinho, é ultrajante, despautério.

Como se discutiu, na obra de Conceição Evaristo, a personagem Maria-Nova é chamada a ouvir os seus, à sua cultura, aos relatos baseados em experiências cotidianas. Preconceitos, fatalidades sociais, opiniões alheias marcam as reflexões da porta-voz. No jogo misterioso, intrigante, narrativa própria e fictícia, Evaristo encena conflitos reais próprios ao universo das relações de gênero, raça e etnicidade, marcando as lutas por um espaço, um lugar que dê identidade à sua vivência de afro-brasileira, tudo, na voz de Maria-Nova, quando descreve o cotidiano de exclusão e miséria da vida na favela.

Mas, ainda assim, aqueles atores invisíveis, mulheres de fibra que habitam as áreas periféricas do país, desejam em sua favela permanecer, da mesma maneira que as marisqueiras em sua Ilha querem ficar e manter sua tradição laboral.

As marisqueiras retratam a vida sofrida de pescadoras nos manguezais na Ilha de Maré, hoje, exemplo vivo de injustiça social, ambiental e cultural, e na qual, em nome do desenvolvimento, ignoram-se a recuperação e a valorização da história local e, principalmente, as necessidades atinentes à autossustentabilidade, do mesmo modo como a demolição da Pindura Saia confronta a tradição afrodescendente, força a diáspora, desaloja os sujeitos a preços irrisórios, destruindo o meio ambiente em prol do progresso.

É através desses pontos confluentes que *Becos* dialoga com as marisqueiras da Ilha de Maré. No resgate histórico das narrativas, são visualizadas as memórias

das personagens que formaram o povo brasileiro, ancestrais dos favelados e dos quilombolas da Ilha, em uma trajetória que se inicia na senzala para desembocar na favela em Belo Horizonte e na Ilha a que se chamou de Maré, todos movidos pela luta por liberdade, fuga e pertencimento.

ALLEYS OF MEMORY, BY CONCEIÇÃO EVARISTO: A DIALOGUE WITH ORAL NARRATIVES OF MARISQUEIRAS FROM THE ILHA DE MARÉ, SALVADOR-BA

Abstract: *This article presents an analysis of the accounts of faveladas in “Becos da Memória”, by Conceição Evaristo (2013), as well as the oral narratives of shellfish gatherers from Ilha de Maré, in Salvador, Bahia. It aims to establish a dialogue between these narratives, and it is theoretically based on Comparative Literature. As methodology, bibliographic research was used with a focus on Sociolinguistics, as well as field research through interviews. Studies by Passerini (2006), Carvalhal and Coutinho (1994), Alkmim (2001), Labov (1972), Bortolozzo and Karim (2019), Rodrigues (2012), Rêgo (2018), among others, support this dialogue. Evaristo’s characters are favelados, street children, beggars, unemployed, drunkards, prostitutes and vagabonds. Due to modernization and environmental impacts, the narratives of shellfish gatherers defend their cultural traditions to ensure a prosperous future, and without uprooting lives planted in that secular activity. The report of the favelados advocates maintaining their homes in Pindura Saia and preventing the painful internal diaspora.*

Keywords: *Comparative literature; Sociolinguistics; Environmental impacts; Internal diaspora.*

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2011. v. 1. p. 21-47.

ANDREATTI, G. S. N. A memória e seus percursos em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA, 14.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LETRAS NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO, 5., 2020, Cascavel. *Anais do Seminário Nacional de Literatura, História e Memória*. Cascavel: Unioeste, 2020. v. 14.

ARAÚJO, E. de S. S. Becos da memória, de Conceição Evaristo: uma escrivência da memória da mulher negra no Brasil. *Letras & Ideias*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 13-29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/48303>. Acesso em: 29 jul. 2022.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1998b.

BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988a.

BORGES-TEIXEIRA, Níncia Cecilia Ribas. Leitura caleidoscópica da natureza. *Terceira Margem* [on-line], [s. l.], v. 22, n. 37, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/rt/prINTERfriendly/21682/12650>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BORTOLOZZO, Rodrigues de Souza; KARIM, Jocineide. Sociolinguística e livro didático: a importância constituída as capas e o esquecimento do ensino a variação da língua (GEM). *Web – Revista Sociodialeto*, [s. l.], v. 1, n. 27, p. 374-400, maio 2019.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CARVALHAL Tania; COUTINHO, Eduardo (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Literatura comparada no mundo: questões e métodos*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. *E-book*.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017b.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

MACHADO, Bárbara Araújo. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. *Revista História Oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, 2014.

MPP – MOVIMENTO DOS PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS; COLÔNIA DE PESCADORES DE Z-4 DE ILHA DE MARÉ. *Denúncia da contaminação química das comunidades tradicionais pesqueiras e quilombolas de Ilha de Maré*. Salvador, , 2021.

PASSERINI, Luísa. *Memoria y utopía: la primacía de la intersubjetividad*. Valencia: Universitat de Valencia, 2006.

REGO, Jussara Cristina Vasconcelos. *Ilha de Mare de dentro: um olhar a partir da comunidade de Bananeiras/Salvador – BA*. 2018. 327 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, 2018.

RODRIGUES, Marcos. Breves considerações sobre o candomblé na Ilha de Maré – Salvador: entre fios de memória 1. *Cadernos de aulas do LEA*, v. 1, n. 1, nov. 2012.

SALVADOR, BA. Lei nº 7400, 20 de fevereiro de 2008. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU 2007 e dá outras providências*. Salvador, BA. 2008. Disponível em: < <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=249874> >. Acesso em: 23 dez. 2022.

Recebido em 10 de agosto de 2022

Aceito em 08 de novembro de 2022